

CINEMATECA PORTUGUESA

A CINEMATECA COM O INSHADOW – LISBON SCREENDANCE FESTIVAL

06 de dezembro de 2024

CARMEN / 1983

(*Carmen*)

um filme de Carlos Saura

Realização: Carlos Saura / **Argumento:** Carlos Saura, António Gades, segundo a novela de Prosper Merimée e a ópera de Bizet / **Fotografia:** Teo Escamilla / **Montagem:** Pedro Del Rey / **Direcção Artística:** Félix Murcia / **Música:** Paco de Lucia, e extractos da "Carmen" de Bizet, dirigida por Thomas Schippers e interpretada por Regina Resnick e Mario Del Mónaco / **Canções:** "El gato Montés" de Manuel Penella, "Deja de Morat", de Paco Cepero / **Coreografia:** Carlos Saura, António Gadés / **Figurinos:** Teresa Nieto / Som: Carlos Faruolo, Alfonso Marcos / **Intérpretes:** Antonio Gadés (Antonio), Laura Del Sol (Carmen), Paco de Lucia (Paco), Cristina Hoyos (Cristina), Juan Antonio Jimenez (Juan/marido), Sebastian Moreno (Escamillo), José Yepes (Pepe Girón), Pepa Flores; Ballet: José Luna "Tauro", Enrique Esteve, Antonio Quintana, José Antonio Benitez, Ernest Lapeña, Carmen Villa, Rocio Navarrete, Fernanda Quintana, Ana Yolanda Gaviño, José Gaviño, Stelia Arauzo; Cantores: Gomez de Jerez, Manolo Sevilla; Guitarristas: Antonio Solera, Manuel Rodriguez, Lorenzo Virseda; Artistas Convidados: M. Magdalena, La Bronce, El Fati, Enrique Ortega, Diego Pantoja, El Moro, Ciro, Diego Amaya; Mayte España, Conchita España, Jesus Pages, Bianca Navarro, Angela Granados, Jesus Sandoval, Sonia Camara, Margarita Becerra, Carolina Becerra, Angela Santamaria, Julia Guzman, Mayte Saez, Mercedes Saez; Esther Montoro, Estrella Casero, Viviana Avila, Maria Luraschi, Teresa Vallejo, Carmen, Losada, Victoria Bonis: Vozes: Regina Resnik (Carmen), Mario del Monaco, Tom Krause.

Produção: Emiliano Piedra e Television Española / **Cópia:** em 35mm, colorida, versão original legendada em português / **Duração:** 97 minutos / **Estreia em Portugal:** Londres, em 20 de julho de 1984.

Carmen é o elo central da "trilogia flamenca" de Carlos Causa e Antonio Gadés, iniciada com **Bodas de Sangre**, segundo Lorca e seguida por **El Amor Brujo**, segundo de Falla. Como, acontece frequentemente em situações idênticas é também o mais fraco dos três. Após o triunfo do primeiro Saura quis "repetir" o esquema. Daí resulta, para além do "dejà vu" uma cautela em retomar a receita "certa", com poucas ou nenhuma mudanças. O resultado parece ter servido de aviso, pois o último destes filmes retomou o nível do primeiro.

Esta versão flamenca da **Carmen** começa por ser fascinante, principalmente para os cultores e admiradores desta música e ritmo espanhóis. E exclusivamente por isto mesmo, porque o seu ponto de partida pouco tem de original: um coreógrafo e grande bailarino de flamenco, interpretado pelo próprio Gadés, projeta fazer uma encenação da **Carmen**, utilizando fragmentos da ópera de Bizet, no meio do ritmo que lhe é próprio,

música flamenca composta por Paco de Lucia (também ele intérprete do filme, no "seu" papel). Junte-se a isto a "troupe" de Gadès nas **Bodas...**, com a fabulosa Cristina Hoyos, o tempo que é o dos ensaios, e o espaço, quase todo restrito ao palco e salas anexas onde eles decorrem, e fica-se com uma ideia do projeto. Até aqui nada a criticar. é sempre agradável e instrutivo ver o trabalho e canseiras de atores e bailarinos para chegarem à perfeição dos gestos e movimentos e a sua harmonia com a música que a pouco e pouco se torna mais perfeita. O problema começa a desenhar-se quando nos apercebemos que para além disso há outra "história" ali. Saura e Gadès não se contentaram em encenar a **Carmen**, quiseram também fazer uma "reflexão" sobre as relações e influências da arte na vida e vice-versa. Isto é, o "outro" argumento circula à volta da relação de António com a bailarina escolhida para o papel, também chamada Carmen (Laura del Sol). A partir daqui tudo se torna óbvio.

Tudo vai decorrer sob o signo da ilusão e confusão entre "verdade" e "ficção", com a primeira reproduzindo o percurso da segunda. Nada de novo e já foi feito de forma magistral por George Cukor em **A Double Life** (*Abraço Mortal*) com Ronald Colman cada vez mais "dentro" do seu papel de Otelo. A questão é que Saura desejando sublinhar essa relação através da ambiguidade acaba por criar uma verdadeira confusão. Se o processo resulta na sequência do duelo de António com o marido de Carmen, que começa com uma imagem aparentemente realista, para logo a seguir revelar o seu lado teatral com o início do bailado, é verdadeiramente desastroso no final, resolvido, aliás, de forma bastante medíocre e resultante do desejo de sublinhar essa ambiguidade, procurando deixar no espectador a interrogação sobre se o crime a que assiste é "real" ou é já (ou ainda), parte da encenação. De facto, isso pouco importaria. O desejo de tomar "evidente" aquilo que ao espectador basta perceber o sentido acaba por retirar à sequência a carga dramática que os autores buscavam. Aliás esta cena desastrada é corolário de outra não menos medíocre, e uma das poucas vezes em que se sai do espaço do espetáculo: a visita de Carmen a casa de António que parece resultar apenas do desejo de meter uma cena de cama. Pior ainda, no que se refere a "evidências", a cena, imediatamente a seguir, em que Carmen visita o marido na prisão, uma verdadeira excrescência numa narrativa que, apesar dos desequilíbrios referidos, ainda mantinha uma certa unidade.

Desta **Carmen** flamenca sobrevivem apenas os números de dança, de que se devem destacar dois, os mais perfeitos e dramáticos: o da fábrica de tabaco, que opõe Carmen a Cristina em dois grupos, com um notável sentido de ritmo e um não menos notável trabalho de câmara por parte de Saura, e o "duelo" de António com Juan (o marido de Carmen), verdadeira luta de "galos", magistralmente marcada pela cadência do ritmo das bengalas e palmas dos assistentes e um prodigioso trabalho do diretor de fotografia, Teo Escamilla, no uso das sombras. Não é muito, mas evita o desastre completo para esta versão da **Carmen**.

Manuel Cintra Ferreira